



HORIZONTES DA DEVOÇÃO: PAISAGENS CULTURAIS E DIACRONIA NO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO

HORIZONS OF DEVOTION: CULTURAL LANDSCAPES AND DIACHRONY ON THE NORTH COAST OF SÃO PAULO

Submetido em: 12/04/2022

Aprovado em: 31/05/2022

Giovanni Cirino¹

RESUMO

O interesse deste ensaio orbita as práticas devocionais presentes no município de Ilhabela, litoral norte de São Paulo. A partir de uma espécie de escavação da devoção a São Benedito percorre-se o arquipélago e sua região. Inicia-se contextualizando a festa, sua organização e produção. Busca-se salientar os aspectos históricos com o intuito de dar noção à profundidade simbólica da devoção. Em seguida apresenta-se os elementos constitutivos da Festa. Discute-se então a paisagem da devoção e a maneira que as práticas se inscrevem no espaço e no tempo. Interessa-nos nesta reflexão a “paisagem cultural” dessa devoção bem como apontamentos sobre os elementos significativos dessa arqueologia simbólica que busca pontos de tangência entre os processos históricos e antropológicos das práticas religiosas.

Palavras-chave: São Benedito. Festas Populares. Congada. Arqueologia Simbólica. Paisagens Culturais.

ABSTRACT

The interest of this essay orbits the devotional practices present in the municipality of Ilhabela, north coast of São Paulo. Starting from a kind of excavation of devotion to São Benedito, the archipelago and its region are explored. It begins by contextualizing the party, its organization and production. It seeks to emphasize the historical aspects in order to indicate the symbolic depth of devotion. Next, the constitutive elements of the Festival are presented. The landscape of devotion and the way in which practices are inscribed in space and time are then discussed. In this reflection, we are interested in the “cultural landscape” of this devotion as well as notes on the significant elements of this symbolic archeology that seeks points of tangency between the historical and anthropological processes of religious practices.

Keywords: Saint Benedict. Popular Parties. Congada. Symbolic Archeology. Cultural Landscapes.

APRESENTAÇÃO

No município de Ilhabela, litoral norte do estado de São Paulo, a devoção a São Benedito é bastante significativa. Considerada pelos devotos a festa popular mais importante do calendário católico. A devoção é realizada de diversas maneiras ao longo do ano, constituindo uma espécie de paisagem de práticas culturais (Schafer, 2014). Contudo, na

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: gcirino@uel.br

Festa de São Benedito concentra-se a maior expressão pública da devoção durante três dias consecutivos.

Em cada um dos três dias se repetem de maneiras diversificadas os mesmos ritos que caracterizam as atividades dos núcleos que compõem essa grande manifestação de devoção ao santo. A Festa é amarrada em torno de dois principais eixos: a Ucharia e a Congada. Além desses, outros são igualmente importantes e compõem as atividades que são refeitas todos os anos em meados de maio.²

Além da Congada e da Ucharia, outros elementos compõem o contexto da festa: a atuação da igreja católica com a realização do tríduo e da “missa-afro”; as procissões; a Associação Cultural dos Congueiros de Ilhabela, núcleo organizacional e administrativo; a Congada Mirim, espécie de “escola” para as crianças; a família do “Capitão do Mastro”, pessoa responsável pela manutenção e levantamento do mastro de São Benedito; a “concertada”, bebida típica que é oferecida após o levantamento do mastro; o núcleo dos “batuqueiros” que se revezam na “banda” composta por uma marimba e dois atabaques. Todas essas “instituições” compõem a Festa de São Benedito de Ilhabela e possuem relações muitas vezes tensas e conflituosas entre si e com outras instâncias que se relacionam com a Festa.

Por sua tradição que remonta entre século e meio a dois séculos, a Festa de São Benedito é um acontecimento que remete às festas e celebrações do período colonial fundadas sobre a matriz barroca, a centralização política do Estado moderno e a defensiva da Contra-Reforma. As festas que ainda hoje se fazem, herdeiras das festas coloniais, devem, portanto, ser contextualizadas também dentro das questões ligadas ao poder como mostra a literatura (Araújo, 1993; Souza, 1994; 2002; Del Priore, 1994; Jancsó & Kantor, 2001), e consideradas a partir de uma espécie de matriz simbólica distribuídas em diversas formas culturais que conservam seus elementos constitutivos, muito embora, na maioria das vezes ressignificados em outros contextos.

A partir de nossa observação procura-se a construção de uma metodologia composta que alinha elementos expressivos, uma arqueologia simbólica e as relações de poder.

² O texto que agora se apresenta é um desdobramento da reflexão realizada alhures (Cirino, 2012). A pesquisa, que teve início em 2004 a partir da produção de um documentário da TV – USP intitulado *Sobre a Congada de Ilhabela*, toma como foco a Festa de São Benedito de Ilhabela, bem como formas de religiosidades, práticas devocionais e religiosas presentes no litoral norte de São Paulo.

“(…) parece possível dizer que, se a festa colonial funde num mesmo todo a força do Estado e Igreja para dá-la a ver pela *performance* graças à qual a celebração tem existência como espetáculo do poder, seu caráter *barroco* confere, no entanto, uma conotação peculiar à *linguagem* pela qual essa fusão se evidencia” (Grifos da autora. Montes, 1998).

Esta *linguagem* é o âmbito no qual se constitui a paisagem dos elementos expressivos que se materializam de forma corpórea, visual, sonora. Dado as figuras que exprimem seus significados e que são dessa maneira esteticamente representadas, o elemento expressivo barroco é a “paleta de cores” desta paisagem que se torna absolutamente evidente quando se observa, por exemplo, as procissões que realizavam a afirmação da monarquia portuguesa no período colonial.

Iniciaremos tratando do contexto no qual a festa devota a São Benedito é organizada e produzida. Buscamos salientar os aspectos históricos com o intuito de dar noção à profundidade histórica e simbólica da devoção. Em seguida apresentaremos a Festa de São Benedito a partir de alguns de seus elementos constitutivos. Com os elementos podemos então discutir a paisagem da devoção e a maneira que as práticas se inscrevem no espaço e no tempo. Enfim, fechamos com considerações sobre a “paisagem cultural” que compõe essa devoção ao santo bem como alguns apontamentos sobre os elementos significativos dessa arqueologia simbólica.

CONTEXTO DA REPRESENTAÇÃO

Passemos agora para uma breve apresentação do contexto no qual a Festa de São Benedito acontece. A ênfase é alocada na descrição a partir de um rápido resumo do histórico da região e da Festa para então passarmos em revista a alguns dos aspectos significativos do “cenário” da devoção.

O litoral norte do Estado de São Paulo é uma região com ocupação anterior à colonização portuguesa que pode chegar até quatro mil anos atrás. Segundo os relatórios do “Projeto Arqueológico de Ilhabela” tal ocupação teria ocorrido em dois momentos. O primeiro por grupos de coletores e caçadores nômades que teriam habitado as ilhas de Búzios e Vitória, e num segundo momento a partir da chegada de grupos de agricultores e ceramistas. Existem atualmente treze sítios arqueológicos identificados que comprovam a existência de acampamentos concheiros de pescadores coletores. Apesar da predominância de etnias do tronco tupi-guarani nos litorais de São Paulo e Rio de Janeiro,

um dos mais importantes sítios arqueológicos da Ilha de São Sebastião (Praia do Viana) revelou farto material cerâmico que permitiu a identificação de comunidades do tronco linguístico macro-jê. Tais etnias teriam habitado o local há cerca de 590 anos atrás quando a ilha era conhecida com o nome de Maembipe, “local de troca de prisioneiros e mercadorias” (cf. Cali, 2001; 2003).

A história colonial da região começou quando os integrantes da primeira expedição exploradora, enviada por Portugal à Terra de Santa Cruz, chegou em 20 de janeiro 1502, dia consagrado pela igreja católica a São Sebastião. Essa expedição foi comandada por Gonçalo Coelho e contou também com a presença do Capitão Gaspar de Lemos e o florentino Américo Vespúcio. A maior ilha marítima encontrada pelos exploradores até então foi batizada *Ilha de São Sebastião*.

Após a passagem da expedição de Gonçalo Coelho, essa região permaneceu desabitada ao longo dos primeiros 100 anos. Foi somente em 1608 que os primeiros colonos – Diogo de Unhate e João de Abreu – se estabeleceram em ambas as margens do canal quando deu-se início o ciclo econômico da cana de açúcar. Com o crescimento promovido por mais colonos e escravos formou-se o povoado onde hoje se localiza o centro histórico de São Sebastião. Este só se emancipa da Vila de Santos em 16 de março de 1636. A Ilha de São Sebastião foi integrada com a Vila de São Sebastião até o início do século XIX. Foi somente em 03 de setembro de 1805 que, ao se emancipar de São Sebastião, a Vila da Ilha ganha o nome de Vila Bela da Princesa em homenagem à Dona Maria Teresa Francisca de Assis, filha mais velha de Dom João VI com Joaquina Carlota (irmã de D. Pedro I). É nessa época que se inicia o ciclo econômico do café que perdurou até finais do século XIX. Já no início do século XX, em Vila Bela se desenvolve o ciclo econômico da cachaça que vai até meados do século. Depois de rebatizada de Vilabela em 1939 e Formosa em 1940, é somente em 1945 que a ilha passa a se chamar Ilhabela (Beni, 2005).

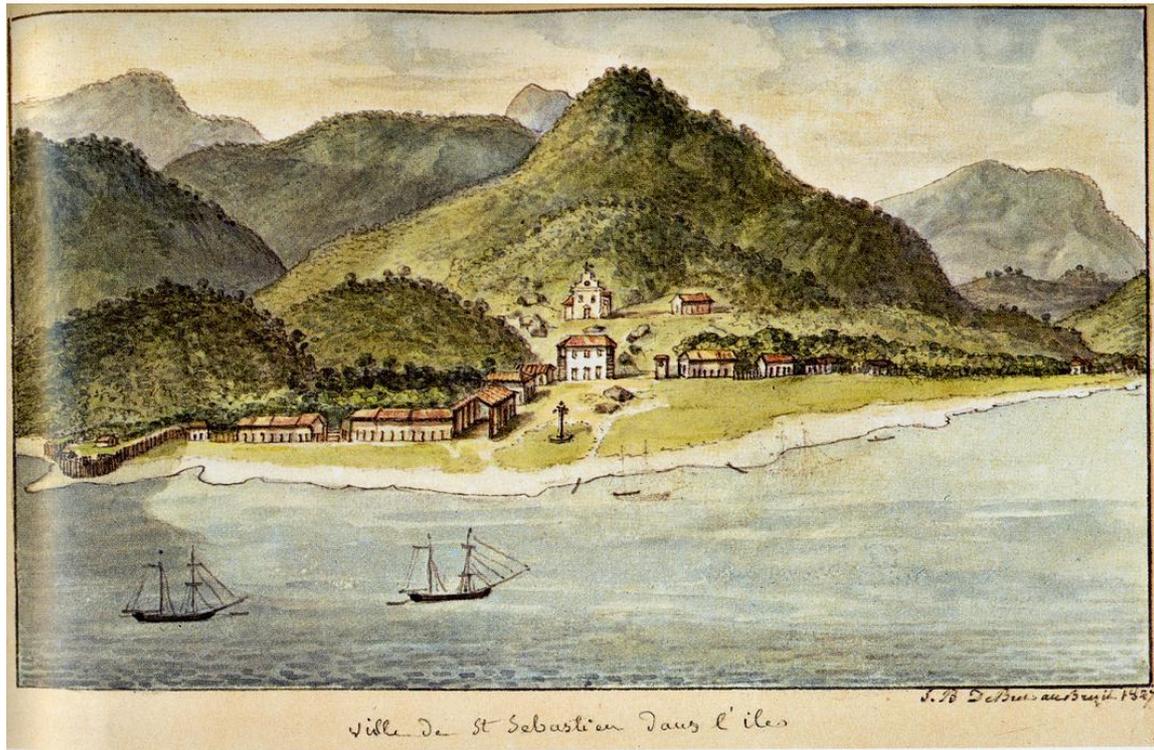


Imagem 1. Vila de São Sebastião. Jean Baptiste Debret. 1827.

Foi na segunda metade do século XVIII que se dá um processo de incremento na população quando então começa a surgir o povoado onde hoje se localiza o centro turístico de Ilhabela. Em 1785 este povoado é elevado à condição de Capela de Nossa Senhora D’Ajuda e Bom Sucesso. Mais tarde com a crise do ciclo do açúcar no final do século XVIII a Ilha de São Sebastião contava com uma população estimada de três mil pessoas espalhadas por todo o território. Nessa época inicia-se o movimento pela emancipação liderado pelo capitão Julião de Moura Negrão, o alferes José Garcia Veiga e o senhor de engenho Carlos Gomes Moreira. Cedendo à pressão do movimento emancipatório, Antonio José da Franca e Horta, capitão geral da Capitania de São Paulo, eleva a Capela à condição de Vila em 1805.

Desde o século XVI as águas do litoral brasileiro foram rotas de piratas e corsários. No litoral norte de São Paulo não era diferente. Um exemplo é o corsário inglês Andrew Battel que, cobiçando galeões espanhóis, desembarca numa praia da Ilhabela onde teria sido capturado por Tupinambás e entregue aos portugueses. Posteriormente em 1589 teria sido deportado para Luanda onde cai nas mãos dos guerreiros jagas (cf. Alencastro, 2000: 93). A partir do início do século XIX, com o recrudescimento das tensões que desencadearam a Guerra Cisplatina (1825 – 1828), as águas do Litoral Norte

de São Paulo passaram a ser intensamente procuradas por corsários e piratas europeus e argentinos. São os casos dos ingleses Thomas Cavendish e Anthony Knivet e o francês Duguay-Trouin. Posteriormente, em meados do mesmo século com as investidas holandesas no Brasil, bem como o desenrolar da Guerra do Prata (1851-1852) e da Guerra do Paraguai (1864 – 1870), intensifica-se a presença de piratas e corsários de diversas nacionalidades que até hoje se fazem presentes no imaginário dos moradores de Ilhabela.

No início do século XIX é também a época em que se inicia o ciclo econômico do café em Ilhabela. Embasado na mão de obra escrava, a produção do café continuava criando demanda para os tumbeiros que, a despeito do enorme lucro que se podia adquirir com o trato, viu surgir também a escalada das revoltas e dos movimentos pela proibição desse tipo de comércio. Pressionado pela Inglaterra que promulga em 1845 o *Aberdeen Act*, lei que trata da proibição do comércio de escravos entre a África e a América, o Brasil promulga em 04 de setembro de 1850 a Lei Eusébio de Queiroz que torna ilegal em definitivo o tráfico interatlântico de escravos. Mesmo considerando que a estimativa de pessoas embarcadas na África com destino ao Brasil ter caído de 1.300.000 entre 1826 – 1850 para 9.300 entre 1851 e 1866 (<http://www.slavevoyages.org/tast/assessment/estimates.faces>, acesso em 13/06/2022), é nesse período que se supõe que as praias de Vila Bela da Princesa voltadas para o alto-mar, principalmente a Baía dos Castelhanos, foram palco de trato clandestino de escravos vindos da África (Beni, 2005: 25). Dentre muitos fatores que inviabilizaram a cafeicultura em Ilhabela, certamente a Abolição da Escravidão em maio de 1888 é o golpe definitivo.

Após o desmonte do sistema produtivo embasado na mão-de-obra escrava, Ilhabela vive um período de aproximadamente três quartos de século de estagnação econômica, até que no início do século XX começa a ganhar força a produção da cachaça com o surgimento de treze engenhos, sendo a maioria movidos por rodas d'água. A cachaça produzida era escoada em grandes canoas que já haviam sido utilizadas com a produção proveniente da cana de açúcar, chamadas *canoas de voga*, para o porto de Santos.

Com o aguçamento da crise produzida pelo excedente de produção cafeeira, o governo do Estado de São Paulo em 1934 realiza uma reestruturação administrativa extinguindo 18 pequenos municípios. Entre eles estava Ilhabela que se tornou um distrito do município de São Sebastião. A revolta popular foi significativa e o governo estadual se viu obrigado a elevar novamente a então Vila Bela da Princesa à condição de município.

Foi em 1956 que se iniciaram as travessias do *Ferry Boat*, até então a Ilhabela se encontrava em relativo isolamento, sendo possível a travessia apenas através dos serviços de barqueiros locais. A acessibilidade começa a mudar de fato a partir da década de 1960 quando surge o projeto da rodovia que ligaria o litoral sul do Rio de Janeiro à Santos e São Paulo. A partir de meados da década de 1950 a produção da cachaça entra em declínio sendo praticamente encerrada na década de 1970.

É na década de 1970 com a melhoria das já existentes estradas de ligação entre São José dos Campos e Caraguatatuba que o turismo começou a ganhar importância econômica em Ilhabela. A construção de casas de veraneio também ganha impulso com a pavimentação SP-55 (Rio de Janeiro – Santos) na década de 1980. Desde as décadas de 1990, as cidades da região do Litoral Norte de São Paulo têm enfrentado os maiores crescimentos demográficos do Estado. Nos últimos 50 anos Ilhabela mudou seu perfil socioeconômico, tornando o turismo sua principal receita. Aliados de suas terras, com esta mudança, o caiçara viu sua realidade transformada, assim como suas práticas culturais e expressivas. A especulação imobiliária e a proibição da pesca nas praias do lado continental criaram um êxodo de moradores nativos, que se mudaram para outras cidades ou para o interior da ilha, forçando o surgimento de bairros inteiros nas encostas das montanhas. Muitos ilhéus passaram a trabalhar para o turismo, órgãos públicos, pousadas, hotéis, restaurantes, bares, ou como marinheiros particulares ou de marinas, empregados, jardineiros, cozinheiros e caseiros de veranistas.

A FESTA DE SÃO BENEDITO

Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Nossa Senhora Aparecida, Senhora Santana, São Baltazar e São Benedito são santos tradicionalmente adorados em procissões católicas no Brasil Colônia, são os chamados “santos de preto”. Além de procissões, a tais santos se dedicavam também muitas festas e celebrações, demonstrações de devoção que estiveram tradicionalmente vinculadas às antigas irmandades de santos dos pretos. Dentre estas festas, muitas realizam a representação de eleição, coroação de reis negros e/ou a disputa entre exércitos pagãos e cristãos, bem como os autos e cortejos que também tinham lugar nas manifestações negras associadas aos santos católicos (Rabaçal, 1976; Fernandes, 1977; Souza, 2002; 2005).

A congada, também chamada de terno de congo, terno verde, marujada, ticumbi, etc., é uma dança dramática, segundo Mário de Andrade. Espécie de “teatro de rua”, com

personagens, figurinos, diálogos, cantos, música, coreografia e enredo. A congada, presente em diversos estados do Brasil, tem seus primeiros registros a partir do século XVIII, e foi pesquisada em diversos estados brasileiros – Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Paraíba, Rio Grande do Sul (Andrade, 1982a; 1982b; 1965; Rabaçal, 1976: 34; Cascudo, 2001; 2002).

A Festa de São Benedito que ocorre no município de Ilhabela faz parte de uma tradição de festas populares herdeiras do barroco surgido de um mundo dominado pela centralização política do Estado moderno e da defensiva espiritual da Contrarreforma (Montes, 1998: 147). Tradicionalmente realizada por promessa e devoção a São Benedito, a Festa acontece na Ilha há pelo menos século e meio, tendo diversos elementos expressivos e culturais relacionados com a população africana da região de Congo, Benguela e Angola. Em tal região se desenvolve a chamada cultura *banto*. Elementos dessa cultura atravessaram o Oceano Atlântico através do vasto fluxo de escravos, não só bantos, mas também muitas outras etnias (yorubás, jêjes, malês etc.), vendidos no Brasil (Setti, 1997: 165; Mukuna, 2000; Lopes, 2006).

Qualquer pessoa que visitar atualmente o lado continental da Ilha perceberá uma cidade voltada para o turismo e para os eventos que atraem turistas. Apesar dos esforços da prefeitura, a Festa de São Benedito não se enquadra nesse tipo evento. Mesmo sendo a festa mais importante para caiçaras, não atrai muitos turistas, até porque é realizada em maio, fora de temporada. A Congada que se faz na Ilhabela é uma das praticadas no litoral norte de São Paulo, tendo atualmente, além desta, apenas no município de São Sebastião.

Durante a década de 1950 a Congada de São Sebastião teria deixado de ser realizada, retomando suas atividades em meados da década de 1960, sendo interrompida novamente durante a década de 1980, e reaparecendo somente no final dos 80. Diversos pesquisadores se interessaram pelas congadas da região principalmente devido à marimba, instrumento peculiar e bastante específico em sua construção, com baixíssima incidência nas congadas brasileiras (cf. Setti, 1985; Mukuna, 2000).

A Festa de São Benedito acontece no centro histórico e comercial de Ilhabela tendo como referencial a Igreja Nossa Senhora D’Ajuda que abriga todas as atividades sacras relacionadas à Festa. A cada um dos núcleos que compõem a Festa, pessoas e atividades específicas são relacionadas. Os dois núcleos mais significativos são: Ucharia e a Congada. A importância desses núcleos pode ser percebida de diversas maneiras. Primeiro pela própria quantidade de pessoas que envolvem. E segundo porque também a

eles estão atrelados todos os outros núcleos cujas atividades dependem diretamente do programa, da agenda e das especificidades da Ucharia e da Congada.

A Ucharia é o núcleo da Festa responsável pela arrecadação, organização, preparo e distribuição das doações em alimentos dedicadas a São Benedito. Trata-se de uma espécie de banquete oferecido gratuitamente aos participantes da Festa e à população em geral nos almoços de sábado e domingo. Mas a Ucharia não é apenas um lugar para se alimentar durante os dias de Festa. Ela está diretamente associada ao mito de São Benedito e ao circuito das dádivas que se fazem em nome do santo. É em torno da Ucharia que se dá grande parte da produção material que envolve a devoção ao santo. Os alimentos oferecidos são tratados muitas vezes como abençoados e capazes de operar curas. O santo se faz presente na Ucharia e distribui bênçãos com a graça do que para ele se cozinha, se oferece, se compartilha e se consome. As graças passam pela comensalidade do que para ele (e em seu louvor) se cozinha. Nesse sentido, a Ucharia possui aspectos importantes no que diz respeito às materializações do sagrado. A Ucharia, portanto, é um núcleo imprescindível que apresenta a fartura, o excesso, a mistura de elementos em simultaneidade e a comensalidade coletiva.



Foto 1. As mulheres da Ucharia servem os convidados.
Foto 2. Já nas mesas os convidados e congueiros servem-se da comida do santo (Fotos Ronald Kraag, 2010).

Sem Ucharia não há Congada. Sem Congada não há Ucharia. A Congada, por sua vez, é uma espécie de teatro representado nas ruas com falas, danças e cantos, cujo entrecho tematiza uma desavença entre dois grupos rivais: de um lado os Fidalgos do Rei do Congo, considerados “cristãos” e que se vestem em tons de azul, de outro os Congos do Embaixador de Luanda, considerados os “mouros”, “pagãos”, “infiéis”, “não-batizados”, e que se vestem em tons de encarnado.

Uma das versões apresenta o enredo do entrecho a partir de uma paixão do Rei do Congo por uma mulher do povo que engravida. Desesperado para esconder da Rainha, o Rei pede para a mulher deixar a cidade do Congo. Ela vai para Luanda onde dá à luz a seu filho. Depois de adulto esse filho bastardo se torna Embaixador de Luanda e constitui um exército de mouros. Num certo momento da vida ele resolve ir para a cidade do Congo retomar seu direito ao trono. Quando chega à cidade, o reinado estava festejando o dia de São Benedito. Então começa a guerra pelo trono que é representada na encenação.



3



4

Foto 3. Fidalgo do Rei dando sua embaixada, ao fundo se vê o exército *de baixo*.

Foto 4. Evoluções dos Fidalgos ao meio e os Congos *de baixo* ao seu redor (Fotos Ronald Kraag, 2010).

A encenação apresenta, portanto, o momento em que o Embaixador de Luanda chega na cidade de Congo e se depara com a Festa de São Benedito. O desenrolar das cenas mostra representações de embates, tentativas bruscas de aproximação ao Rei, entremeadas de falas, cantos e danças. O modelo tripartite se repete também na maneira que é apresentado o entrecho. São encenados três “atos”, aos quais os participantes chamam de *bailes*. Em cada um dos *bailes* é apresentada de maneira repetida, mas com algumas diferenças, a história da guerra que se faz para que o Embaixador, filho bastardo do Rei, conquiste o trono. Em cada um dos três *bailes* o Embaixador é preso, levado à presença do Rei onde, após debater suas razões, se arrepende e pede perdão. Ao longo dos *bailes* o Rei descobre tratar-se de seu filho, criado em outro reino, e resolve perdoá-lo e com ele festejar o dia de São Benedito.



5



6

Foto 5. Rei e Rainha. Atrás do Rei marimba e atabaques e a audiência que assiste atenta as evoluções dos Congos.

Foto 6. O Embaixador de Luanda ataca, espadas se chocam, os Fidalgos defendem o Rei do inimigo invasor (Fotos Ronald Kraag, 2010).

Após esta breve descrição dos elementos da Festa de São Benedito, passemos a uma apreciação da paisagem da devoção ao Santo, tomando como foco a historicidade do uso do espaço para a devoção.

PAISAGEM DA DEVOÇÃO

Muito embora a organização, a coleta de donativos e os ensaios comecem meses antes, a Festa de São Benedito de fato tem início na sexta-feira mais próxima ao 13 de maio. Antigamente vinham pessoas de todas as praias da Ilha e de fora dela que enchiam as praias da Vila com suas canoas nas quais traziam diversos víveres. Com tanta gente no local era comum a ocorrência de “Bailes ou Cirandas, o Fandango, onde se dançava o Vilão, o Quebra-Chiquinha ou o Tira-o-Chapéu, sempre animados por bebidas como a ‘concertada’ (...) (Corrêa, 1981: 27). Nesses momentos sobressaiam-se os mais abastados, “donos de barcos de pesca de sardinha ou sócios das redes, moradores nas praias do Pinto e Armação” (Idem), que eram escolhidos como festeiros e gastavam deliberadamente com fogos de artifício e com altos lances nas barracas de leilão.

Segundo nos explica Corrêa (1981), a Festa era organizada pela “confraria de São Benedito, extinta mais tarde pelas autoridades religiosas” (Idem), os festeiros eram escolhidos todos os anos para a organização da próxima festa. Os festejos se iniciavam com uma novena e um tríduo preparatório, incluindo uma ladainha cantada, o terço, cantos, finalizando com o Hino de São Benedito. Atualmente as rezas não são mais realizadas, ou se são, apenas por uma quantidade muito pequena de pessoas.

A igreja matriz é o local sagrado privilegiado. Localizada no alto de uma pequena colina acessada por seus 32 degraus. Uma estátua de São Benedito encontra-se do lado de fora, à esquerda, em par com a estátua de São Sebastião com a lança cravada em seu peito. O andor com a imagem de São Benedito é ornamentado apenas uma vez por ano, por ocasião de sua Festa quando se faz a procissão em seu louvor. “A imagem do Santo é (...) a mais venerada da Ilha, veneração esta provavelmente vinda desde o tempo da escravidão. Todos os anos, durante os festejos de São Benedito, por ocasião da ‘Congada’, ela é carregada na tradicional procissão” (Cont, 1990: 13). Também a igreja é toda ornamentada nessa ocasião quando se faz o que antigamente chamavam de “missa em honra a São Benedito” e hoje chamam de “missa afro”, “missa conga”, e as autoridades eclesíásticas e políticas chamam de “missa cultural”.

No interior da igreja se encontram diversas imagens/altares de santos. À direita, o primeiro altar é o de São Benedito (ladeado por São Francisco de Assis [dir.] e São Cristovão [esq.]). Em seguida vemos o altar de Nossa Senhora Aparecida (ladeada por Bento Anchieta [dir.] e Santo Antonio [esq.]). Segundo consta, antes de 1960, neste local ficava o altar das Filhas de Maria, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Abaixo do arco central encontra-se o altar de Nossa Senhora das Dores. Esta é a imagem que na Sexta Feira Santa acompanha a procissão do “Senhor Morto”. No altar central a imagem da padroeira da Ilha, Nossa Senhora D’Ajuda e Bom Sucesso, também pintada no teto da igreja por Alfredo Oliani. À esquerda temos, Sagrado Coração de Jesus, na mesma posição (mas oposta) à imagem de Nossa Senhora das Dores. Descendo em direção à nave encontramos o altar de São Pedro (ladeado por São Judas Tadeu [dir.] e Santo Expedito [esq.]). Esta imagem de São Pedro é anualmente levada na procissão marítima no Canal de São Sebastião, por ocasião das festas de fim de junho. Por último, formando o único altar apenas com santas, encontramos Nossa Senhora de Fátima (ladeada por Santa Edwiges [dir.] e Santa Teresinha do Menino Jesus [esq.]), cuja imagem teria sido trazida da cidade do Porto em Portugal (Cont, 1990: 15). Estas imagens e obras que integram o interior da igreja, juntamente com as imagens do Calvário de Cristo também produzidos por Alfredo Oliani, também são os santos mais queridos e requisitados pelos devotos da Ilha, inclusive durante a Festa de São Benedito.

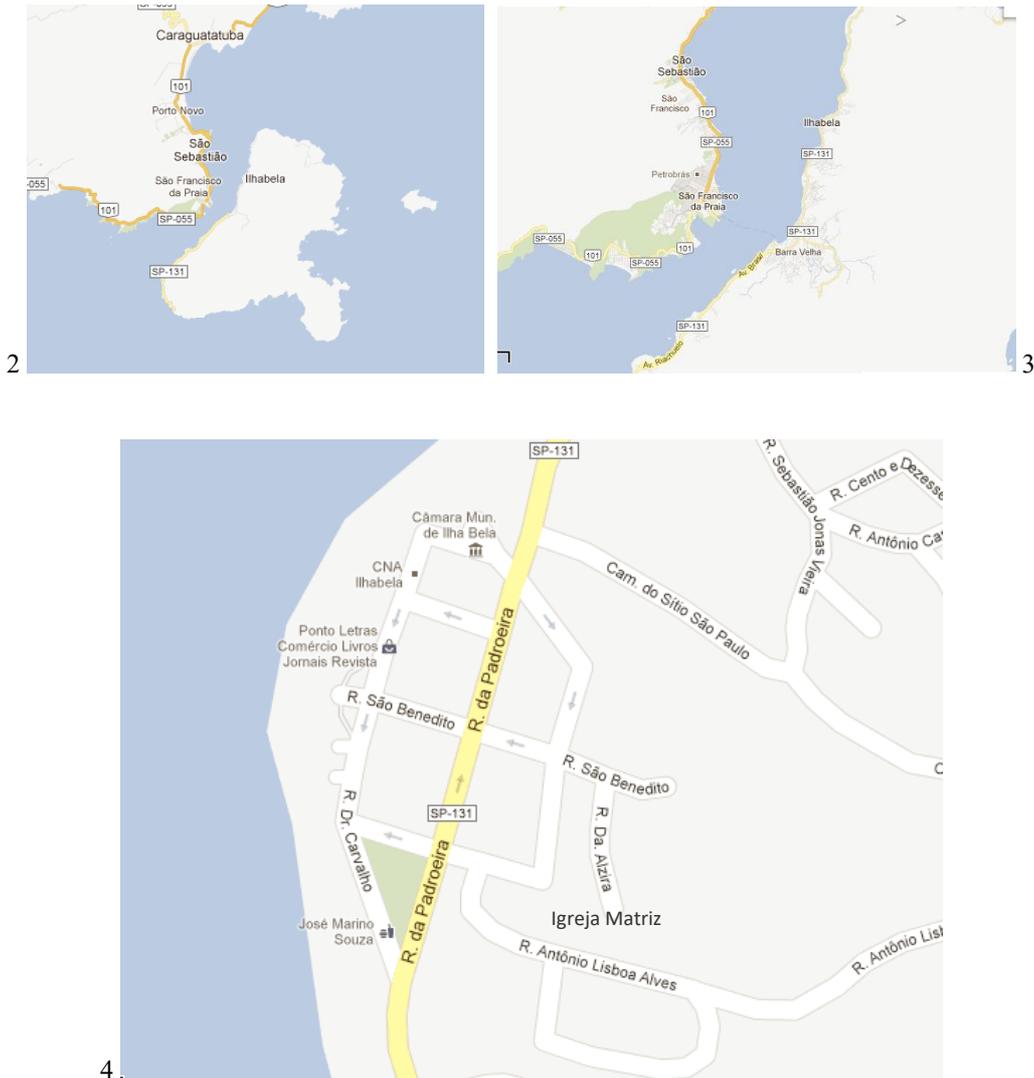


Foto 7. Igreja de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso de Ilhabela enfeitada para a Festa de São Benedito.

Foto 8. Em detalhe a estátua do santo localizada à esquerda ao lado das escadarias (Fotos do autor, 2014).

A Festa de São Benedito acontece nas ruas do centro histórico de Ilhabela, na Vila. As ruas que são o “cenário” abarcam quatro quarteirões tomando a igreja como referência. O percurso da procissão demarca exatamente as ruas onde acontece a Festa e dentro dela as apresentações da Congada. O andor sai da Igreja e desce a rua Antonio Lisboa Alves, entra à esquerda na rua Washinton Luiz contornando a praça Alfredo Oliani, entra à direita na rua da Padroeira, cruza a rua São Benedito (também conhecida como Rua do Meio) seguindo até a rua Santa Teresa onde entra à esquerda. Vira à esquerda na rua Dr. Carvalho voltando sentido praça Coronel Júlio de Moura Negrão, a praça triangular. Em seguida a procissão contorna a praça volta para rua Washinton Luiz e sobe novamente a escadaria que leva á igreja matriz. Esse percurso e as ruas que são contempladas pela passagem da imagem do santo são as mesmas onde se realizam as encenações da Congada. Também o levantamento do mastro é acompanhado por uma espécie de procissão onde se leva, não o andor do santo, mas o próprio mastro todo enfeitado, bem como a Bandeira de São Benedito. Por ocasião do levantamento do mastro também se percorre o mesmo trajeto executado na procissão de São Benedito, realizando as evoluções conhecidas como *meia-lua*. A encenação em geral acontece em trechos específicos das ruas indicadas abaixo.

Giovanni Cirino
Horizontes da devoção: paisagens culturais e
diacronia no litoral norte de São Paulo



Imagens (de 2 a 4). Ilhabela em sequencia de aproximação do centro histórico, Vila, local onde se realiza a Festa de São Benedito. (Imagens <http://maps.google.com.br/maps> 13/06/2022).

As ruas mencionadas conformam justamente as primeiras ruas da velha “Vila Bela da Princesa”. Foram nessas ruas que surgiram as primeiras edificações que deram origem ao povoado. Este local foi muito modificado principalmente nos últimos 40 anos. Algumas imagens antigas dão uma dimensão de como eram estas ruas.



9



10

Foto 9. Igreja Nossa Senhora D'Ajuda ao fundo e o prédio do Fórum e Cadeia em primeiro plano, provavelmente na década de 1940.

Foto 10. Igreja vista da rua Washington Luiz, no final da década de 1950. (Fotos gentilmente cedidas por Adriano Leite).



11

Foto 11. A Igreja Nossa Senhora D'Ajuda vista da Rua Washington Luiz, e à direita, atrás da vegetação, o antigo prédio da Cadeia e Fórum, atual Sede do Parque Estadual de Ilhabela.

A Ucharia de São Benedito que atualmente é realizada no Colégio Municipal Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos (ou no salão da igreja matriz) que se localiza na rua da Padroeira, até meados da década de 1990 era realizada na rua Dr. Carvalho, na Colônia dos Pescadores “Senador Vergueiro”. Edificação de 1924 era o lugar privilegiado para a Festa localizado na rua do Pier principal de Ilhabela. No local atualmente funciona uma livraria e café.



12



13

Foto 12. Rua Dr. Carvalho, a rua da praia, década de 1950 (Foto gentilmente cedida por Adriano Leite).

Foto 13. Fotografia atual da mesma rua (Foto do autor, 2015).



14



15

Foto 14. Rua da Padroeira, a rua do Cruzeiro, década de 1940 (Foto gentilmente cedida por Adriano Leite).

Foto 15. A mesma rua numa fotografia atual (Foto do autor, 2015).



16



17

Foto 16. Vista atual da rua Dr. Carvalho, a rua da praia. O imóvel ocre próximo ao centro da foto é a esquina com a rua São Benedito, onde se localiza a Secretaria de Cultura (Foto do autor, 2015).

Foto 17. Vista atual da rua São Benedito, ou rua do meio, com suas lojas, restaurantes e sorveterias (Foto do autor, 2015).

Depois de ter ficado sem o seu local, a Ucharia de São Benedito passou por vários endereços. Inicialmente foi realizada no salão de festas da igreja matriz, passando depois para o salão do Esporte Clube Ilhabela e Escola Municipal Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, que curiosamente era o local onde se realizava a Ucharia antes da existência da Colônia de Pescadores.



18

Foto 18. Antiga sede da Colônia de Pescadores de Ilhabela “Senador Vergueiro”, local onde era realizada a Ucharia de São Benedito. Atualmente funciona um comércio de livros, jornais e revistas (Foto do autor, 2015).

Este pequeno imóvel localizado numa das regiões mais valorizadas do município deixou muitas lembranças nas pessoas. A vivacidade nas narrativas sobre a Colônia deixa evidente que o local se tornou emblemático durante determinadas épocas áureas da Festa. No passado, muitos dos devotos que vinham de outras praias para a Festa ficavam alojados na Colônia, outros ficavam na casa de parentes ou de outros devotos e congueiros. Vale lembrar ainda que no momento da Festa muitos desses devotos moradores de outras praias já haviam louvado o santo em suas casas sendo agraciados pela visita da Bandeira com a Folia de São Benedito algumas semanas antes, já durante os três dias da Festa, as famílias tinham a oportunidade de louvar ao santo em conjunto com as outras famílias de devotos.

Por muitos anos o calendário católico festivo organizou uma espécie de rede de reciprocidade onde as quermesses, feiras e procissões eram os momentos nos quais as pessoas se encontravam fora de seus cotidianos ordinários. As festas de Santa Verônica

na Praia do Bonete (em 12 de julho), São Benedito com a encenação da Congada (por volta de 13 de maio), São Pedro com a procissão marinha pelo canal de São Sebastião (em 29 de junho) e a festa da padroeira da Ilha, Nossa Senhora D’Ajuda e Bom Sucesso (em 02 de fevereiro) são quatro momentos importantes dessa rede de relacionamentos e reciprocidades.

Os calendários das festas católicas são determinantes na produção e organização dessa paisagem da devoção em Ilhabela. É o calendário que cria condições para que os moradores (e muitas vezes parentes) das diferentes comunidades possam ter oportunidade para se encontrar. As comunidades de todas as praias da Baía de Castelhanos, Praia do Bonete, Indaiatuba, Enchovas, Ponta do Boi, ao norte no lado oceânico, Praia da Guanxuma, da Caveira, Serraria, da Fome, Jabaquara, e as praias do lado do canal, de norte a sul, da Ponta das Canas, Praia da Armação e do Pinto até a Ponta da Sepituba, pessoas de todas as comunidades e bairros se encontravam nas festas de devoção. Certamente não é possível compreender todo o circuito dessas festas ao analisar apenas uma delas, mas é possível vislumbrar melhor a paisagem cultural a partir da Festa de São Benedito, que é a festa que se apresenta atualmente como a maior e a que conta com o maior poder de mobilização dos devotos.

Com raras exceções, os participantes da festa são pessoas que não mais habitam a orla marinha da Ilha. Após passarem pelos reveses da especulação imobiliária e da indústria do turismo, muitas famílias de antigos caiçaras e devotos de São Benedito pertencentes às famílias mais humildes saíram da Ilha. Muitas das que continuam morando na Ilha moram nos bairros mais afastados dos centros comerciais e turísticos. Em geral tais bairros se encontram nas encostas das grandes montanhas que compõem o interior da ilha. Bairros como Barra Velha, Itaquanduba, Perequê, Reino, Portinho e Morro dos Mineiros são atualmente os que possuem as maiores taxas de densidade demográfica e de onde provêm grande parte dos participantes da Festa.

Os bairros que conformam o traçado urbano acompanham a morfologia geográfica estendendo-se até as encostas, supostamente até a chamada Cota 200 na região limítrofe do Parque Estadual de Ilhabela. O traçado urbano é formado por uma borda principal que acompanha a orla marítima constituindo uma única e extensa via primária (SP – 131) de onde se ramificam as secundárias que dão acesso aos bairros e à Estrada de

Castelhanos que leva à orla leste da Ilhabela.³ A imagem abaixo dá uma ideia do padrão de ocupação urbano.

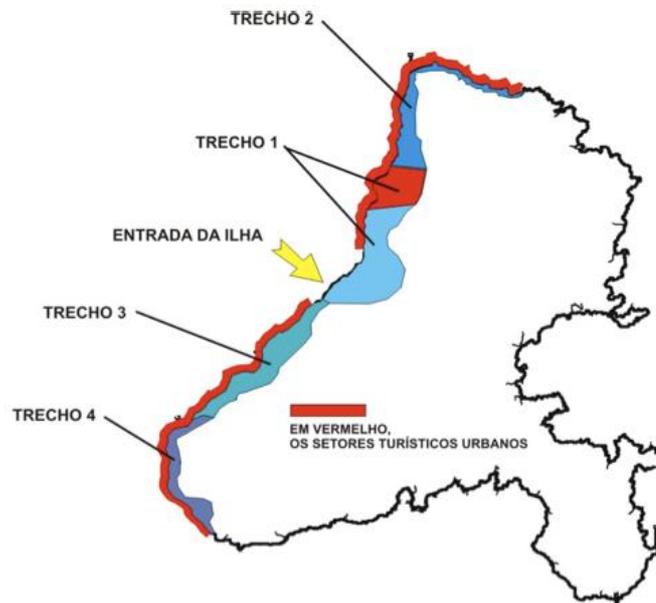


Imagem 7. Divisão dos trechos urbanos de Ilhabela onde se pode observar o padrão da ocupação urbana na orla ocidental (Beni, 2005: 75).

Muitos dos participantes da Festa de São Benedito que moram nessa mancha urbana são moradores do Trecho 1, onde se localiza a faixa urbana mais larga e os bairros mais populosos da Ilha, como a Barra Velha, Cocaia e o Reino. No entanto, muitas pessoas que participam da Festa não moram nessa região, são provenientes de comunidades distantes, ao Sul ou ao Norte da Ilha, bem como do lado oceânico como Bonete e de Castelhanos e de outros municípios.

Importante lembrar também que a implementação do Parque Estadual de Ilhabela também foi um fator de significativa importância para as comunidades mais tradicionais que possuíam com a mata uma relação de estreita simbiose, notadamente com as atividades de caça, extrativismo e plantio. Criado pelo Governo paulista através do

³ O Plano Gestor de Ilhabela em seu Volume I “Caracterização Geral da Destinação Turística” de 2005 classifica os trechos urbanos: Trecho 1: Centro, mancha urbana principal de Barra Velha a Santa Teresa, uso turístico misto, comércio e residencial; Trecho 2: Zona Norte de Saco do Indaiá a Jabaquara, uso turístico e residencial; Trecho 3: Zona Sul Praiana da Ilha das Cabras à Praia do Veloso, uso turístico e residencial; e Trecho 4: Zona Sul Costeira da Ponta do Veloso à Ponta do Sepituba, uso também turístico e residencial.

Decreto Estadual 9.414 de 20 de janeiro de 1977, o Parque Estadual de Ilhabela⁴ compreende 85% da área total da Ilha, que é de 346 Km². Observamos que muitos caiçaras e congueiros possuem dificuldades em relação ao uso do espaço, em especial do solo e das águas. Além dos reveses ligados à especulação imobiliária, indústria do turismo, mercado de trabalho, proibição da pesca, também o Parque Estadual se tornou um entrave, se não para a mobilidade, para a continuidade de determinadas atividades, bem como a permanência e reprodução de formas de sociabilidade.

A despeito do perfil socioeconômico da grande maioria dos participantes estar associado ao funcionalismo municipal, postos de trabalho subalternos e empregos temporários, encontramos alguns congueiros “ilustres” demonstrando a penetração da devoção São Benedito em classes sociais mais abastadas. Isto demonstra também modificações em âmbitos da elite local, no que se refere à práticas culturais e valores de proeminência econômica específicos.

A Festa é tomada pelos moradores, participantes e agentes do poder público como um grande evento mobilizador. Aproveitando o fato de a Festa ser conhecida e apreciada por muitos, a prefeitura do município através da Secretaria de Cultura criou a chamada “Semana de Cultura Caiçara” que acontece justamente na mesma semana da Festa de São Benedito. Como o nome já indica, trata-se de uma semana inteira de eventos culturais que valorizam as atividades tradicionais dos moradores como, por exemplo, apresentações de música, corrida de canoas, exposições de fotos e outras artes visuais, apresentações de vídeos, seminários, debates, declamações de poemas e pasquins de autores locais, exposição de artesanato, apresentações de teatro e oficinas de brincadeiras caiçaras. Todas essas atividades têm início a partir do sábado anterior ao fim de semana da Festa e se estende até o domingo, último dia da Festa.

Existe uma gama grande de instituições públicas e privadas que têm interesses em organizar e apoiar a Semana, no entanto, é evidente que nem todas integralmente compromissadas com as questões religiosas. Muitas têm mais interesse no movimento e clientela que se atrai nesses dias, do que propriamente nos fundamentos devocionais ao santo.

⁴ Em junho de 1985 todas as ilhas do arquipélago de São Sebastião foram tombadas e incorporadas ao Parque (Maldonado, 1997). O Parque integra o Projeto de Preservação da Mata Atlântica (PPMA) que é uma parceria entre a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e o banco estatal alemão KfW (*Kreditanstalt für Wiederaufbau*). Esta parceria tem investindo recursos na implantação de infra-estrutura e fiscalização do Parque. A intenção do PPMA seria fornecer condições para a autonomia e auto-sustentação da unidade de conservação, no entanto, no final de 1999, ao cessar o fornecimento desses recursos tal fato não aconteceu.

Atividades relacionados à Congada e à “Semana de Cultura” motivam ações nas secretarias da educação, da cultura, de esportes e de turismo. Há um engajamento geral para a produção e realização da Festa. No entanto, o trabalho realmente difícil e árduo é feito pelos congueiros e devotos de São Benedito. De certa forma, a profundidade histórica da Festa de São Benedito é atestada pelas programações da “Semana de Cultura Caiçara” que utilizam as fundações de antigos “edifícios culturais” para erigir novas práticas.

A descrição dos elementos que foram recortados e descritos neste capítulo intenta iniciar a exploração das relações e articulações entre o contexto da representação e o espaço da devoção. Esta breve contextualização do evento, bem como o espaço no qual se dão os principais eventos da Festa são fundamentais para constituir uma imagem da paisagem cultural desta expressão de devoção.

A Festa de São Benedito possui muitos outros elementos para além dos dois principais núcleos descritos acima. As pessoas que participam da festa de maneira mais ativa estão distribuídas em diversos “núcleos”. São nesses núcleos que as pessoas se engajam na participação da Festa. Muito embora aspectos significativos de práticas devocionais terem desaparecido, as participações representam muito mais que apenas tomar parte em alguma atividade. Participar significa, antes de tudo, compartilhar a crença em São Benedito. A participação é um dos sentidos da devoção. A Festa de São Benedito circunscreve as pessoas, através da participação nesses núcleos, numa rede de relações, muitas vezes conflituosa, que se estende desde o interior das famílias até âmbitos do poder público municipal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa de São Benedito apresenta no entrecho da Congada uma guerra. Enquanto um evento característico de um fenômeno, a guerra se apresenta a partir daquilo que lhe é dado como interpretação e através da qual adquire *significância* histórica. A paisagem cultural de devoção e práticas religiosas remete ao período colonial, fundadas sobre a égide do barroco, da centralização política do Estado moderno e da Contrarreforma.

O conceito que a festa propaga realizando-o na prática é produzido por diversas interações entre agentes e instituições. Essas interações determinam as formas de resignificação dadas aos elementos simbólicos constituídos. Imprescindíveis para o entendimento das relações no projeto místico e messiânico português, os sentidos são

produzidos e convencionados por indexações específicas através desses elementos. Buscou-se entender de que maneira as interações produziram a paisagem cultural constituída na Congada.

Num movimento heurístico pendular, nosso percurso buscou evocar o ocorrido no agora e o agora no ocorrido. Este procedimento partiu da premissa que os eventos históricos supostamente representados são chaves para a compreensão, não só das motivações da cisão que se apresenta na encenação, mas da própria paisagem cultural da ilha.

Ao pensar essa paisagem no contexto atual da Ilhabela, nos chamou muita atenção os problemas relacionados aos processos de “domesticação”, “folclorização” e “estilização” da imagem do negro. Nesses processos foram observadas as maneiras através das quais as pessoas articulam passado e presente por meio de uma “memória” elástica e articulável, ou dito de outra forma, as maneiras através das quais as expressões culturais são interpretadas e modificadas historicamente na ação humana.

A despeito dos discursos que articulam o mito da democracia racial, nesta paisagem cultural apresentada há uma explícita construção positiva da identidade negra e da capacidade de resistência frente à violenta opressão do regime da escravidão. É por isso que abrir mão de conhecer o passado “como ele de fato foi” não significa deixar escapar a centelha de realidade presente nas reminiscências, mas buscar nela o teor de ficção que escapa da historiografia e se apresenta como uma imagem fugaz, uma imagem que rapidamente surge no momento de seu reconhecimento.

Ao voltar nossa atenção para os horizontes da devoção, no lugar dos nossos olhos percorrerem a paisagem a nossa frente, o viver dos processos socioculturais percorre o que se afunda no tempo e corre o risco de se perder, caso não reconheçamos que esse percurso constitui as próprias condições de existência da luta e da resistência. Isso é o que nos permite perscrutar o futuro.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 523 p.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramática do Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/Instituto Nacional do Livro/Fundação Pró-Memória (Brasília), 1982a.

ANDRADE, Mário de. **“Os Congos”**. In: *Danças Dramática do Brasil*. Tomo Dois. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/Instituto Nacional do Livro/Fundação Pró-Memória (Brasília), 1982b. p. 17 – 48.

ANDRADE, Mário de. **“Os Congos”**. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro. Sécs. XIX – XX: os estudiosos do Brasil, bibliografia e notas*. Segundo Volume, 3ª Edição, São Paulo: Ed. Martins, 1965. p. 314 – 335.

ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

BENI, Mário Carlos. **Plano Gestor de Turismo. Estância Balneária de Ilhabela**. Vol. 1. “Caracterização Geral da Destinação Turística. 2005. 151 p.

CALI, Plácido. **Sítio Arqueológico Engenho Pacuíba I. Ilhabela (SP)**: Asseart, 2003. 82 p.

CALI, Plácido. **Caderno de Apresentação, Ilhabela (SP)**: Asseart, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil**. São Paulo: Ed. Global, 2001. 111 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Revisto e ilustrado. 11ª Edição. São Paulo: Ed. Global, 2002. 768 p.

CIRINO, Giovanni. **Uma etnografia da devoção a São Benedito no litoral norte de São Paulo**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia Social, 2012, 342 p.

CONT, Giuseppe. **Nossa Senhora da Ajuda de Ilhabela**. Ed. Bentivegna, 1990. 79 p.

CORRÊA, Iracema França Lopes. **A congada de Ilhabela na festa de São Benedito**. São Paulo: Escola do Folclore/Ed. Livramento, 1981. 150 p.

DEL PRIORE, Mary. **Festa e Utopia no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERNANDES, Jose Loureiro. **Congadas Paranaenses**. Curitiba: Ed. UFPR, 1977. 97 p.

JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. 2 Volumes. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2001.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 239 p.

MALDONADO, W. **“Comunidades caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela”**. In: DIEGUES, Antônio Carlos. (Org.). *Ilhas e Sociedades Insulares*. São Paulo: NUPAUB – USP (Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras), 1997.

MONTES, Maria Lucia. “**Entre o arcaico e o pós-moderno:** heranças barrocas da festa na construção da identidade brasileira”. In: *Sexta-feira: antropologia, artes e humanidades*. São Paulo: Pletora, n. 2, ano 2, 1998. p. 142-159.

MUKUNA, Kazadi Wa. **A influência Bantu na Música Popular Brasileira**. S.P: 3ª Margem, 2000. 258 p.

RABAÇAL, Alfredo João. **As congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia – Conselho Estadual de Cultura, 1976. 294 p.

SCHAFER, D. Paul. *Explorations on Culturescape: a cultural approach to community development*. Toronto: Ministry of Culture and Recreation, 1976. Também publicado em *The Age of Culture*. Ontario: Rock’s Mills Press, 2014, 250 p.

SETTI, Kilza. **Ubatuba nos cantos das praias:** estudo do caiçara paulista e de sua produção musical. São Paulo: Ática, 1985. 293 p.

SETTI, Kilza. “**Notas sobre a produção musical caiçara:** música como foco de resistência entre pescadores do litoral paulista”. Revista do Instituto Estudos Brasileiros, Nº 42, Universidade de São Paulo, 1997. p. 145 – 169.

SOUZA, Marina de Mello e. **Parati:** a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista:** história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 387 p.

SOUZA, Marina de Mello e. “**Reis do Congo no Brasil, séculos VXIII e XIX**”. Revista de História. Nº 152 (I), 2005. p. 79-98.

Site: Slave Voyages
<https://www.slavevoyages.org/>